

# Adolescência e saúde mental: Repercussões dos padrões culturais de beleza

*Adolescence and mental health:*

*Repercussions of beauty cultural standards*

*Adolescencia y salud mental:*

*Repercusiones de las normas culturales de belleza*

*Marina Águila Nogueira\**

*Paloma Pegolo de Albuquerque\*\**

## Resumo

*Preocupações com a aparência e insatisfações com o corpo podem refletir na saúde física e mental dos jovens. Este estudo objetivou compreender as repercussões dos padrões ideais de beleza internalizados pelos adolescentes em sua saúde mental. Para tanto, 128 adolescentes, entre 14 e 19 anos, de escolas públicas e particulares, responderam a três instrumentos de pesquisa, e os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Traços físicos, relacionais e comportamentais foram elencados pelos participantes como indicadores de beleza. Os resultados apontaram que a aparência física é importante (66%) e sentimentos ‘negativos’ (46%) e ‘positivos’ (78%) são suscitados por ela, com anseios e tentativas de mudá-la em 80% da amostra. Violências e exclusões (42%) decorrentes da aparência, assim como sintomas depressivos (31%), ansiogênicos (22%) e distorções da imagem corporal (19%) foram retratados. As análises estatísticas traçaram correlações entre algumas variáveis analisadas, indicando que há relações significativas entre elas. As associações mais frequentes foram entre o sexo e certos sintomas que indicam prejuízo à saúde mental. Conclui-se que padrões de beleza podem influenciar múltiplas vivências cotidianas dos adolescentes, possibilitando repercussões em sua saúde física e mental.*

**Palavras-chave:** *saúde mental; adolescente; imagem corporal.*

---

\* Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil. E-mail: [marinaaguila1996@gmail.com](mailto:marinaaguila1996@gmail.com)

\*\* Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil. E-mail: [palomanier@yahoo.com.br](mailto:palomanier@yahoo.com.br)

## Abstract

*Uneasiness and dissatisfaction with one's body may reflect on the physical and mental health of young people. This study aimed to understand the repercussions of idealized standards of beauty in adolescent's mental health. A total of 128 adolescents, between 14 and 19 years old, from public and private schools, took part of three questionnaires and the data was quantitatively and qualitatively analyzed. Physical, relational and behavioral traits were listed by participants as indicators of beauty. The results showed that physical appearance is important (66%) and feelings, both 'negative' (46%) and 'positive' (78%) are incited by it. Also showing that 80% of the sample showed longings and attempts to change it. Violence and exclusion (42%) resulting from appearance, as well as, depression (31%), anxiety (22%) and body image distortions (19%) symptoms were shown. The statistic analyses traced correlations amongst variables indicating significant relations between them. The most frequent associations were between gender and certain symptoms that indicate mental health impairment. The conclusion is that beauty standards of adolescents can influence multiple daily experiences, enabling repercussions on their physical and mental health.*

**Keywords:** mental health; adolescence; body image.

## Resumen

*Preocupaciones sobre la apariencia e insatisfacciones con el cuerpo pueden reflejarse en la salud física y mental de los jóvenes. Este estudio tuvo como objetivo entender las repercusiones de los patrones ideales de belleza internalizados por los adolescentes en su salud mental. Para eso, 128 adolescentes, entre 14 y 19 años, de escuelas públicas y privadas, respondieron a tres instrumentos de investigación y los datos fueron analizados cuantitativa y cualitativamente. Los participantes enumeraron los rasgos físicos, relacionales y de comportamiento como indicadores de belleza. Los resultados mostraron que la apariencia física es importante (66%) y que despierta sentimientos 'negativos' (46%) y 'positivos' (78%), con anhelos e intentos de cambiarlo en el 80% de la muestra. Se describieron las violencias y exclusiones (42%) resultantes de la apariencia, así como los síntomas depresivos (31%), la ansiedad (22%) y las distorsiones de la imagen corporal (19%). Los análisis estadísticos mostraron correlaciones entre algunas variables analizadas, lo que indica que existen relaciones significativas entre ellas. Las asociaciones más frecuentes fueron entre el sexo y ciertos síntomas que indican problemas de salud mental. Se concluye que los estándares de belleza pueden influir en múltiples experiencias de los adolescentes, permitiendo repercusiones en su salud física y mental.*

**Palabras clave:** salud mental; adolescencia; imagen corporal.

A adolescência é uma fase do ciclo vital em que ocorrem imprescindíveis mudanças, sendo caracterizada por transformações físicas, psíquicas e socioculturais diversas. Assim, mudanças biológicas atreladas a transformações psicológicas e sociais profundas possibilitam que o indivíduo adquira várias habilidades e capacidades divergentes das requeridas na infância (Filipini, Prado, Felipe, & Terra, 2013), como é o caso da autonomia e da responsabilidade.

Nesse contexto, é importante citar que a autorreflexão, formação da identidade e alterações de cunho emocional são marcos dessa etapa, o que se relaciona à constituição da personalidade (Santrock, 2014). Também pode ser observado um acelerado crescimento físico e descobertas acerca do próprio corpo e da sexualidade – aspectos esses que se relacionam com a valorização extrema da aparência e da virilidade corpórea (Claro, Santos, & Oliveira-Campos, 2014).

Na sociedade contemporânea, o ideal de beleza é um aspecto importante, sendo divergente entre os gêneros, pois o padrão de beleza física para o gênero masculino se relaciona, frequentemente, à altura, estrutura muscular (bíceps definidos e ombros largos) e abdômen ‘tanquinho’, enquanto é valorizado que o corpo feminino seja esbelto, magro e com curvas (Silva, Taquette, & Coutinho, 2014). Na adolescência tende a ocorrer uma intensa preocupação com a aparência física, fato que propicia a implementação de um estilo de vida voltado ao cuidado excessivo com o corpo, no que tangencia o peso, as formas, entre outros aspectos.

Dessa forma, há um padrão estético estereotipado e uma busca incessante para atingir a imagem ideal – e, por vezes, surreal – cultivada nos meios sociais, tecnológicos e midiáticos para se alcançar a magreza e um corpo ‘esculpido’, e a consequente beleza tão valorizada. Contudo, poucos conseguem atingir o corpo ideal (Silva, Neves, Japur, Penaforte, & Penaforte, 2018), fato que pode desencadear um sofrimento psíquico (Jager, Comis, Mucenecki, Goetz, Ferraz, Folleto, & Vasconcellos, 2017) e comportamentos compensatórios de risco (Ida & Silva, 2007).

Sob esse panorama, observa-se que o ideal cultural de beleza pode ser relacionado à violência simbólica (Bourdieu, 1999, apud Costa & Gervasoni, 2015) atrelada a outros níveis desse fenômeno amplo e abrangente.

Essa violência, perpetuada na estruturação objetiva da sociedade, pode ser compreendida como um processo de internalização e naturalização dos modos de agir e pensar das pessoas em seu cotidiano (Costa & Gervasoni, 2015), apresentando diversos desdobramentos no nível macro e micro social.

Os processos de internalização se referem à apropriação e significação do contexto relacional (condições materiais, antropológicas e sociológicas) (Schneider, 2006). Nesse sentido, evidencia-se que os padrões de beleza, disseminados pelos veículos propagandísticos e midiáticos, são apropriados e significados pelos adolescentes e suas repercussões podem ser externalizadas através de comportamentos e sentimentos, marcados por seu relacionamento com o próprio corpo e com seus pares (amigos, colegas e namorados).

A literatura científica indica que muitos jovens buscam assemelhar-se aos padrões ideais referentes à dimensão corpórea, e assim modificam hábitos e podem fazer privações e renúncias que acometem doenças e, ainda, possibilitam a morte (Jager et al., 2017). Percebe-se, nessa conjectura, que a imagem corporal é um aspecto importante a ser considerado, pois questões relacionadas a ela se tornam muito mais presentes no campo da saúde e podem ter repercussões identitárias e de atribuição de significados relativos ao corpo e à noção de 'saudável' (Silva, Taquette, & Coutinho, 2014).

A imagem corporal pode ser concebida como uma imagem mental realizada pelo sujeito sobre o seu corpo, envolvendo experiências acumuladas e imediatas (Conti, Slater, & Latorre, 2009). Tal construto é multi-dimensional e mutável e se relaciona não só à esfera física, como também à cognitiva e afetiva, podendo refletir anseios e reações emocionais do indivíduo, correlacionando-se, ainda, ao autoconceito e à autoestima. Além disso, ela é influenciada por vários grupos socioculturais, como a família e os pares, e também pode estar atrelada a concepções da mídia e da sociedade em geral (Del Ciampo, & Del Ciampo, 2010).

Embasados nos resultados e conclusões de um estudo sobre o sentido da imagem corpórea para adolescentes, Silva, Taquette e Coutinho (2014) afirmam que o estereótipo de perfeição corporal disseminado pela mídia apresenta influências sobre a autoimagem e autoestima deste público.

Ainda, o padrão de beleza é considerado um propósito inatingível por ser artificial e utópico. Contudo, os autores ressaltam que esta temática acomete grande sofrimento e discriminação para os que não se consideram atraentes, fator que pode ocasionar problemáticas de saúde em decorrência da autoestima decrescida.

No que tangencia a saúde mental de adolescentes relacionada à supervalorização da aparência física, nota-se que há uma intensa violência psicológica (oriunda dos grupos de pares e familiares), extremamente comum, porém não visível (Sacramento & Rezende, 2006), que pode associar-se a uma insatisfação generalizada em relação à aparência. Tal insatisfação com o corpo pode acarretar pensamentos e sentimentos ‘negativos’ frente a si mesmo e afetar o bem-estar emocional e a qualidade de vida (Del Ciampo & Del Ciampo, 2010).

Além disso, observa-se que há uma dificuldade de acesso às políticas de prevenção e promoção de saúde mental ao público adolescente, assim como a um tratamento especializado. Cabe salientar serem necessárias ações de promoção de saúde, nesse contexto, representadas por medidas de identificação e cuidado a quadros de sofrimento agudo (Del Ciampo & Del Ciampo, 2010). Adverte-se que a falta de um cuidado profissional pode causar danos desenvolvimentais que podem afetar o crescimento biopsicossocial do adolescente.

Em suma, os padrões ideais de beleza podem repercutir em múltiplos âmbitos da vivência do adolescente, como na formação da identidade pessoal e na forma de enfrentamento de questões cotidianas e rotineiras, visto que o medo dos julgamentos e violências pode se tornar um transtorno afetivo ou de ansiedade (Sacramento & Rezende, 2006). Além desses, os adolescentes tentam se enquadrar a um padrão, fator que pode desencadear um quadro de prejuízo a sua saúde mental, com o desenvolvimento de transtornos psicológicos e sintomas diversos, como restrições alimentares, prática excessiva de exercícios físicos, automutilação e tentativas de suicídio.

Sob essa perspectiva, o presente estudo objetivou compreender as repercussões dos padrões ideais de beleza internalizados pelos adolescentes em sua saúde mental. Também buscou verificar possíveis relações entre os padrões de beleza e sintomas ansiosos, depressivos e alimentares; analisar

as consequências dos padrões de beleza na formação da autoimagem e autoconceito; e comparar os ideais de beleza reportados por participantes de diferentes gêneros, faixas etárias e padrões socioeconômicos.

## METODOLOGIA

### Local

A pesquisa foi realizada em cinco instituições escolares, três públicas e duas particulares, que possuem o Ensino Médio (última etapa no sistema de Educação Básica do Brasil). Estas escolas se localizavam em dois municípios de porte médio no interior dos estados de Minas Gerais (61% dos participantes) e São Paulo (39% dos participantes).

### Participantes

Participaram do estudo 128 adolescentes na faixa etária de 14 a 19 anos, com idade média de 16 anos. Os adolescentes estavam regularmente matriculados no Ensino Médio em escolas públicas (72%) e particulares (28%). No que se refere ao gênero, 69,5% da amostra era do sexo feminino, 30,5% do sexo masculino e nenhum participante marcou a opção “outros”, na qual poderiam descrever outra forma de identificação de sexo/gênero.

Em relação à etnia, a maior parte dos participantes se autodeclarou de etnia branca (60%), ao passo que 37,5% se declararam pardos, 10% consideraram-se preto, 0,75% se declararam ‘amarelo’ e 0,75% classificaram-se como indígenas. Acerca da renda familiar, 73,25% indicaram ter renda ‘média’ quando comparada à maioria da população brasileira, 15% retrataram ter renda ‘baixa’, enquanto 11% mencionaram ter renda ‘alta’, 0,75% assinalaram ter renda ‘muito alta’ e nenhum adolescente sinalizou ter renda ‘muito baixa’. Cabe informar que os participantes tinham liberdade para classificar a sua renda utilizando os seus próprios critérios, de forma subjetiva.

## Instrumentos e Medidas

### *Questionário – Padrões de beleza e repercussões no bem-estar de adolescentes*

O instrumento foi elaborado pelas autoras com base na literatura específica da área, com finalidade exclusiva de pesquisa. O questionário começa com três perguntas sociodemográficas que visam coletar dados como faixa etária, etnia, gênero e questões relacionadas à renda familiar. O instrumento é subdividido em três partes complementares: Parte 1 – Conceito de Ideal de Beleza; Parte 2 – Repercussões da Aparência Física; Parte 3 – Sentimentos acerca da Aparência Física.

Cabe mencionar, também, como tais itens estão ordenados. Em todas as partes, os itens podem se arranjar de duas maneiras. Determinados itens, então, estão dispostos em uma organização de múltipla-escolha que quase sempre é acompanhada pela possibilidade “outros”, na qual o adolescente pode discorrer brevemente sobre um aspecto que não tenha sido contemplado. Outros itens são dissertativos, nos quais o adolescente pode escrever livremente sobre suas ideias e experiências.

A primeira parte (Conceito ideal de beleza) é composta por seis itens referentes à caracterização, influências, compreensões e modificação corporal frente ao protótipo de beleza. Já a segunda parte (Repercussões da aparência física) busca investigar quais as repercussões da aparência física no cotidiano dos adolescentes. Assim, são abordados temas como a importância da aparência, os sentimentos acerca do autoconceito e autoestima, e os impactos nas relações sociais. Na terceira parte (Sentimentos acerca da aparência física) busca-se investigar uma possível relação entre a aparência física e sintomatologias que indicam um quadro de prejuízos para a saúde mental. Dessa forma, procura-se apreender se certas vivências relacionadas à aparência física podem desencadear sintomas depressivos, ansiogênicos, alimentares, entre outros aspectos.

### *Body Shape Questionnaire - BQS-34*

O questionário idealizado por Cooper, Cooper, & Fairburn (1987) visa identificar informações referentes à percepção da imagem corpórea, sendo composto por 34 itens dispostos em escala *Likert* com seis opções de resposta (nunca; raramente; às vezes; frequentemente; muito frequentemente; sempre). Cabe mencionar que o instrumento avalia o grau de preocupação com a imagem do corpo e as discrepâncias entre a imagem real e aquela que é percebida pelo indivíduo. Ressalta-se que o instrumento foi traduzido e adaptado para a população brasileira por Cordás e Neves no ano de 1999. Além disso, foi validado por Di Pietro, Xavier e Silveira, em 2003, em uma amostra de universitários.

Tal instrumento foi escolhido para ser utilizado na presente pesquisa, pois possibilitava coletar informações objetivas acerca de preocupações e comportamentos dos participantes voltados à meta de atingir o corpo ideal, complementando, portanto, os dados obtidos com o questionário citado previamente.

### *Escala de Silhuetas de Stunkard*

A Escala de Silhuetas, idealizada por Stunkard, objetiva avaliar a percepção do indivíduo frente ao tamanho e à forma corpórea. O instrumento consiste em um agrupamento de imagens, nove esboços de silhuetas femininas e nove masculinas, que representam a figura humana em uma variação de nove desenhos que retratam o tamanho corporal. Destaca-se que as imagens são dispostas em uma gradação progressiva: da mais magra (1) até a mais larga (9) (Kakeshita & Alemida, 2006). Ainda, o instrumento permite a mensuração do Índice de Massa Corporal (IMC).

Essa escala foi escolhida para ser utilizada no presente trabalho por retratar a percepção corporal dos participantes, permitindo compreender se eles almejavam uma silhueta diferente da sua. Dessa forma, tal escala complementava os dados obtidos com os outros instrumentos, auxiliando na resposta aos objetivos do trabalho.



## Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, realizou-se o contato com 11 escolas públicas e particulares situadas em duas cidades de porte médio, uma no interior do estado de Minas Gerais e outra no interior de São Paulo, escolhidas por conveniência. Cinco instituições indicaram interesse e permitiram a realização da pesquisa em suas dependências, sendo que os diretores tiveram que assinar uma autorização por escrito. Além disso, assegurou-se que em casos de sofrimento psíquico relatados pelos participantes, seriam indicadas clínicas-escola de Psicologia, que são instituições vinculadas a universidades que atendem gratuitamente a comunidade, a fim de que os adolescentes tivessem amparo psicológico e acesso a um tratamento especializado gratuito.

Seguindo a legislação ética, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade (Protocolo 3.001.056), os adolescentes que apresentaram o Termo de Consentimento e Assentimento devidamente assinados responderam aos instrumentos. A aplicação foi realizada em localidades silenciosas e com luminosidade apropriada. Estima-se que o tempo médio de preenchimento dos instrumentos foi de 35 minutos.

## Procedimento de Análise de Dados

Os dados obtidos por meio do questionário foram organizados nos programas *Microsoft Word* e *Microsoft Excel*. A estatística descritiva foi utilizada para descrever os índices sociodemográficos dos participantes e calcular a média e desvio padrão da idade dos participantes. Buscou-se apontar possíveis relações entre aparência física e problemas de saúde mental, aferindo-se a frequência de acontecimentos de múltiplos sintomas psicológicos após as vivências relacionadas à aparência física do participante. Foi utilizado o Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para realizar análises estatísticas, por meio do teste Qui quadrado ( $X^2$ ) de associação. O nível de significância usada no teste foi 5% ( $p < .05$ ).

Além disso, foi utilizada a análise temática teórica a fim de investigar os resultados obtidos. Esse método é utilizado para identificar, analisar e retratar padrões contidos nos dados, assim, permite uma organização

e descrição do conjunto de dados de forma flexível e detalhada (Braun & Clarke, 2006). Após a leitura repetida dos dados contidos nos relatos (perguntas discursivas), buscou-se identificar respostas similares com a finalidade de formar grupos e estabelecer categorias temáticas de análise. Em seguida, foram realizadas análises que se baseiam nas frequências de respostas e nos conteúdos particulares abordados pelos participantes.

## RESULTADOS

### Conceito de Ideal de Beleza

Os sujeitos foram inquiridos sobre como descreviam a própria beleza, se “consideravam-se bonitos ou não”, e sua justificativa. A grande maioria respondeu que acreditava ser uma pessoa bonita (cerca de 70%). Os participantes justificaram as respostas pautando-as na beleza interior, na beleza física ou em ambas. Abordaram, ainda, que elementos como caráter, personalidade, comportamento, forma de pensar, traços físicos e vestimenta podem caracterizar tal beleza.

Os fatores que mais influenciaram o conceito de beleza para os participantes foram as redes sociais (58%) e a mídia (51%), seguidos pelo *YouTube* (24%), pela televisão (24%) e pelos *blogs* (10%). Na opção ‘outros’ (10%) foram citados ‘comentários de outras pessoas sobre mim’, ‘opiniões familiares’ e ‘a vida’, entre outros aspectos que podem interferir na concepção de belo para os adolescentes da pesquisa.

Sobre uma possível mudança corporal para alcançar o padrão de beleza almejado, os componentes físicos que mais apareceram como intenção de mudar, ou que já foram transformados, foram o cabelo (57%) e o peso (45%). Assim, cerca de 80% dos participantes relataram ter interesse ou já ter realizado alguma mudança corpórea. Os procedimentos envolvidos nesse processo de transformação foram variados, porém grande parte declarou que fazer exercícios físicos (54%) e procedimentos dentários (52%) poderia auxiliar a pessoa a se aproximar do padrão. Também foi retratado que fazer academia (44,5%), fazer dieta (30%) e cirurgia plástica (10%) podem ser medidas de adequação do corpo a um ideal de beleza relacionado com o discurso de manter uma vida saudável.

No entanto, uma participante, ao final do questionário, comentou algumas práticas que podem se relacionar a condutas problemáticas. Ela relatou: “Faço jejum intermitente durante as férias. Corri quase todos os dias para emagrecer e diversas vezes induzi o vômito. Porém, não consigo chegar no peso (massa) desejado, me sinto triste muitas vezes, choro quase todos os dias” (A73).

## Repercussões da Aparência Física

Em relação ao nível de importância da aparência física, nota-se que os participantes apresentaram maior grau de autoexigência, visto que 66% dos adolescentes relataram acreditar que a beleza própria é ‘importante’ (37%) ou ‘muito importante’ (29%). Referente à importância da aparência física no relacionamento entre pares (amizades, namoros, entre outros), 25% da amostra mencionou ser ‘importante’, enquanto cerca de 47% retrataram ser ‘nada importante’ (24%) ou ‘pouco importante’ (22,5%). Além disso, 76% dos integrantes do estudo indicaram acreditar que a sua aparência física não tem interferência nas relações sociais com pessoas da mesma faixa etária.

Contudo, uma adolescente refletiu: “Acredito que mesmo não aprovando, todos nós julgamos as pessoas primeiro com base nos nossos padrões de beleza e não nego que algumas vezes deixei de conversar com pessoas que acabei por descobrir serem incríveis, só pelo fato de não achá-las bonitas, coisa que tenho certeza que já pensaram, também, de mim” (A13). Outra participante complementou: “(...) muitas vezes, isso influencia no círculo de amizades, pois as pessoas ‘gravitam’ mais para quem consideram bonito. Parece também que tenho certo ‘privilégio’ em minhas relações por ser magra.” (A17).

Acerca dos sentimentos vivenciados frente à aparência física, 46% da amostra retratou sentir-se ‘para baixo’ (18%), ‘angustiado’ (12%) e ‘envergonhado’ (16%). Já 78% dos participantes demonstraram se sentir ‘satisfeito’ (37%), ‘feliz’ (25%) e ‘confiante’ (16%) em relação à sua aparência física. Nesse aspecto, alguns integrantes da pesquisa disseram experimentar sentimentos de cunho positivo e negativo dependendo do estado de humor ou situação na qual se encontravam.

Os sentimentos ‘negativos’, mesmo que percentualmente menos significativos, podem repercutir de diversas formas nas experiências dos adolescentes. Uma participante fez a seguinte declaração, denunciando um agravo na saúde mental: “Há 5 anos fui diagnosticada com depressão de índice 95, e ansiedade. Me automutilo, já tentei vários suicídios tais com remédios e cortes. Me sinto uma inútil na maior parte do tempo. Me sinto deprimida e solitária. Eu só quero morrer.” (A92). Outra adolescente afirmou: “Já sofri *bullying*, então isso me desencadeou anorexia, depressão, ansiedade e distúrbio de distorção de imagem corporal. Por muitas das vezes, em grande parte do tempo, me sinto sozinha e abandonada. Também já passei por um relacionamento abusivo, principalmente agressão psicológica, já me envolvi com drogas e amizades tóxicas o que me fez recorrer à ajuda psicológica” (A96).

No que tangencia a vivência de violências (ridicularizações, humilhações, discriminações, desrespeito, entre outros) relacionadas à aparência física, 42% dos adolescentes do estudo retrataram ter sofrido algum tipo de exclusão. Os motivos e a frequência foram múltiplos, contudo, alguns dos participantes mencionaram que a ocorrência se deu no âmbito da escola, como demonstrou a participante a seguir: “Eu fui excluída uma vez só. Foi assim, não foi por beleza, na minha antiga escola tinha uma menina lá que ficava me julgando muito por meu jeito de ser, eu sou na minha.” (A60).

Outra participante mencionou: “Quando eu era mais nova, eu sofria preconceito por conta do meu peso, com isso eu não tinha amigos, era muito sozinha na escola.” (A74). Por fim, outra adolescente relatou, referindo-se à violência: “No grupo de amigos, no meu caso, a maioria das vezes na escola!” (A99).

Os participantes foram indagados sobre se sentirem excluídos por causa de aspectos relacionados à beleza e quais os motivos ou eventos estavam relacionados a esta vivência. O motivo da exclusão, a descrição do evento ocorrido e os sentimentos suscitados, assim como o significado/sentido subjetivo atribuído à vivência, foram elencados como categorias principais.

A primeira (motivo da exclusão) foi subdividida nas subcategorias personalidade, renda, peso, altura, cabelo e etnia. A segunda (descrição do

evento) subdividiu-se em violência verbal e violência psicológica. A terceira (repercussão subjetiva da vivência) apresenta sentimentos suscitados e significado/sentido atribuído como subcategorias de análise.

Os seguintes comentários podem exemplificar as categorias. Um participante retratou o motivo da exclusão: “Quando eu era criança, eu era gordinho de cabelo enrolado, acredito que por isso tinha dificuldade de fazer amigos.” (A1). Já outra adolescente descreveu: “Bom, primeiramente, quando eu saio, sempre sou aquela amiga que fica de ‘vela’, etc.” (A50). Outra participante assinalou o sentimento frente à exclusão: “Acho que por eu ter uma característica física muito diferente das outras pessoas, elas acabavam me excluindo. Às vezes, era coisa da minha cabeça, mas tinha vezes que eu realmente ficava triste.” (A87).

Outro aspecto analisado pela pesquisa foi se a aparência física conseguiria interferir nas relações sociais (amigos, namoros, entre outros) e como isso poderia acontecer. Tal quesito foi dividido nas categorias valor pessoal/próprio e valor social. A primeira apresenta a subcategoria internalização (apropriação do conceito para si). A segunda foi subdividida em julgamento de pares e exclusão.

Nesse sentido, uma participante do estudo relatou: “Eu tenho vergonha da minha aparência e por esse motivo eu não gosto de me aproximar muito das pessoas, principalmente meninos/homens, porque eu fico pensando que eles vão me achar horrível” (A104), fator que demonstra internalização e suas repercussões. Além disso, outra adolescente mencionou: “Porque as pessoas são muito críticas e sempre tem que manter seus padrões idiotas.” (A45).

## Sentimentos Acerca da Aparência Física

Entre os sentimentos que apareceram com maior frequência no cotidiano, destaca-se que os adolescentes apontaram sentir ‘sempre’ irritabilidade (38%) e indecisão (47,5%). Ainda pontuaram uma autoexigência exacerbada, visto que 45% dos participantes relataram ‘sempre’ ser exigentes consigo mesmos. Além disso, algo que passava recorrentemente na cabeça dos adolescentes da pesquisa foi o pensamento de que “outras pessoas são mais bonitas” que eles mesmos. Essa concepção apareceu em

72% da amostra, como ‘sempre’ (29%), ‘frequentemente’ (18%) e ‘às vezes’ (25%). O Quadro 1 apresenta os sentimentos e sensações relacionados à aparência física e suas respectivas frequências, enquanto o Quadro 2 apresenta pensamentos decorrentes da aparência e sua regularidade.

**Quadro 1 – Sentimentos e Sensações Relacionadas à Aparência Física e Respectivas Frequências.**

Sentimento/Sensação	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Sentir tristeza/mágoa	19 (15%)	13 (10%)	44 (34%)	25 (20%)	27 (21%)
Perder interesse por atividades rotineiras	15 (12%)	11 (8,5%)	38 (29,5%)	20 (16%)	43 (34%)
Sentir cansaço/desânimo	20 (15%)	20 (15%)	34 (27%)	25 (20%)	29 (23%)
Sentir culpa	28 (22,5%)	6 (4%)	28 (22,5%)	22 (16,5%)	44 (34,5%)
Sentir que não vale a pena viver	15 (12%)	5 (3%)	15 (12%)	15 (12%)	78 (61%)
Ser pessimista	20 (16%)	8 (6%)	25 (19%)	30 (24%)	45 (35%)
Ser exigente consigo mesmo	45 (35%)	17 (13%)	40 (32%)	15 (11%)	11 (8%)
Sentir-se indeciso	47 (37,5%)	23 (18%)	31 (24%)	19 (15%)	7 (5,5%)
Sentir-se desvalorizado	21 (15,5%)	13 (10%)	29 (22,5%)	24 (20%)	41 (32%)
Sentir irritação	49 (38%)	19 (15%)	23 (18%)	19 (15%)	18 (14%)
Perder interesse por sexo	4 (3%)	2 (1,5%)	10 (8%)	6 (4,5%)	106 (83%)
Dificuldade de manter a concentração	25 (19,5%)	20 (15,5%)	37 (29%)	25 (19,5%)	21 (16,5%)
Sentir agitação	31 (24%)	17 (13,5%)	34 (26,5%)	19 (15%)	27 (21%)
Dificuldade para dormir	26 (20%)	12 (9%)	28 (23%)	23 (18%)	39 (30%)
Mudanças de apetite	16 (12,5%)	11 (8,5%)	23 (18%)	25 (19,5%)	53 (41,5%)
Ruminação de pensamentos	30 (23,5%)	16 (12,5%)	25 (19,5%)	16 (12,5%)	41 (32%)
Taquicardia	21 (17%)	16 (12,5)	36 (28%)	17 (13%)	38 (29,5%)
Sentir apreensão	21 (17%)	15 (11,5%)	38 (29,5%)	21 (17%)	33 (25%)
Alterações de humor	33 (25%)	22 (18%)	22 (18%)	18 (13,5%)	32 (24,5%)

## Quadro 2 – Pensamentos Relacionados à Aparência Física e Respectivas Frequências.

Pensamento	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Pensar que algo ruim irá acontecer por causa da aparência física	13 (10%)	11 (8,5%)	24 (17,5%)	22 (16,5%)	58 (45,5%)
Preocupação com a aparência grande parte do tempo	22 (16,5%)	17 (14%)	25 (19,5%)	25 (19,5%)	39 (30,5%)
Preocupação constante com o que os outros pensam sobre minha aparência física	30 (24%)	15 (11,5%)	32 (25%)	25 (19,5%)	26 (20%)
Irritação com a aparência grande parte do tempo	25 (19,5%)	6 (4,5%)	22 (16,5%)	22 (16,5%)	53 (43%)
Inquietação com a aparência grande parte do tempo	21 (16%)	13 (10%)	19 (15%)	26 (20%)	49 (39%)
Sonhar recorrentemente com situações que envolvem a aparência física	15 (12%)	6 (4,5%)	12 (9%)	22 (16,5%)	73 (58%)
Pensar que as outras pessoas são mais bonitas	37 (29%)	24 (18%)	32 (25%)	21 (16%)	14 (12%)
Tentar ocupar-se para não pensar sobre a aparência física	14 (12%)	7 (5,5%)	25 (19,5%)	18 (14%)	63 (49%)

### Sexo dos participantes e associações com outras variáveis

Foram encontradas associações entre o sexo dos participantes (feminino e masculino) e a apresentação de diversos sentimentos e pensamentos, de forma que ser do sexo feminino aumentava a probabilidade de apresentação desses sintomas de forma frequente. Por exemplo, no que se refere a sentir tristeza/mágoa ( $X^2(2) = 23,213, p < 0,001$ ), enquanto 34,8% das mulheres afirmaram sentir tristeza “sempre” ou “frequentemente”, apenas 2,6% dos homens afirmaram sentir tristeza com essa frequência. Sobre alterações de humor ( $X^2(2) = 26,456, p < 0,001$ ), enquanto 58,4% das mulheres afirmaram sentir mudanças de humor “sempre” ou “frequentemente”, apenas 10,3% dos homens afirmaram sentir o mesmo.

Foram também encontradas associações para os seguintes sentimentos e pensamentos: perder interesse por atividades rotineiras ( $X^2(2) = 11,53, p = 0,003$ ); sentir cansaço/desânimo ( $X^2(2) = 27,752, p < 0,001$ ); sentir culpa ( $X^2(2) = 6,517, p = 0,038$ ); sentir que não vale a pena viver ( $X^2(2) = 8,288, p = 0,016$ ); ser pessimista ( $X^2(2) = 7,971, p = 0,019$ ); sentir-se

indeciso ( $X^2(2) = 9,789, p = 0,008$ ); sentir-se desvalorizado ( $X^2(2) = 9,911, p = 0,007$ ); sentir irritação ( $X^2(2) = 17,032, p < 0,001$ ); dificuldade de manter a concentração ( $X^2(2) = 6,210, p = 0,045$ ); sentir apreensão ( $X^2(2) = 11,882, p = 0,003$ ); preocupação com a aparência durante grande parte do tempo ( $X^2(2) = 8,444, p = 0,015$ ); preocupação constante com o que os outros pensam sobre minha aparência física ( $X^2(2) = 14,594, p = 0,001$ ); irritação com a aparência grande parte do tempo ( $X^2(2) = 7,000, p = 0,030$ ); inquietação com a aparência grande parte do tempo ( $X^2(2) = 7,787, p = 0,020$ ); sonhar recorrentemente com situações que envolvem a aparência física ( $X^2(2) = 7,249, p = 0,027$ ); pensar que as outras pessoas são mais bonitas ( $X^2(2) = 11,865, p = 0,003$ ); e tentar ocupar-se para não pensar sobre a aparência física ( $X^2(2) = 11,250, p = 0,004$ ).

### Body Shape Questionare (BQS-34)

Os resultados apontaram que a maior parte dos participantes não apresentava uma distorção da imagem corporal – 81,5% foram classificados pela escala como ‘ausência de distorção’. Frente às demais gradações apresentadas pelo instrumento, nota-se que 9,5% dos participantes apresentaram uma ‘distorção leve’, 7% uma ‘distorção moderada’ e 2% uma ‘distorção grave’.

### Escala de Silhuetas de Stunkart

Considerando a imagem real do corpo, nota-se que a maioria dos participantes se identificou com as silhuetas magras, já que as imagens mais representativas foram a 3 (22%), 4 (35%) e 5 (16%) – representações que retratam um corpo magro. Em relação à imagem corporal almejada, as escolhas pelas silhuetas mais magras quase não se alteraram, pois os adolescentes se identificaram com as figuras 3 (37,5%) e 4 (39,5%).

É importante mencionar, ainda, que 33,6% dos participantes escolheram a mesma imagem para a representação real e a almejada. Já 66,4% da amostra sinalizou que gostaria de mudar a silhueta, sendo que 25,7% gostariam de subir na gradação (ter um corpo com maior massa)



enquanto 40,7% gostariam de diminuir a silhueta almejada (ter um corpo mais magro). A maioria dos adolescentes indicou que mudaria somente uma posição (43,5%), porém 22,9% retrataram que gostariam de uma silhueta 2 (15,65%), 3 (9,9%), 4 (2,6%) e 5 (0,75) posições de diferença quando comparada à imagem do corpo real. Nesse sentido, foi encontrada uma associação entre sexo e silhueta almejada ( $X^2(2) = 8,823, p = 0,003$ ). Enquanto 61,8% das mulheres afirmaram almejar uma silhueta “magra”, 33,3% dos homens afirmaram o mesmo.

No que se refere ao Índice de Massa Corporal (IMC), 71% dos IMCs da amostra foram classificados como ‘normal’, assim a maior parte dos participantes estavam dentro da normalidade da medida de peso. Contudo, 18% dos participantes estavam ‘abaixo do peso’, 9% estavam com ‘sobrepeso’ e 2,5% estavam na escala da ‘obesidade’. Cabe ressaltar que uma adolescente se recusou a mencionar o peso, impossibilitando o cálculo do IMC. Foi encontrada uma associação entre IMC e sofrer violência ( $X^2(2) = 9,540, p = 0,008$ ). Enquanto 21,8% dos participantes que afirmaram ter sofrido violência se declararam com sobrepeso ou obesos, apenas 4,1% dos participantes que não sofreram violência se declararam com sobrepeso ou obesos.

## DISCUSSÃO

No que tangencia a autoimagem, um dado interessante é que 17% da amostra se refere à autoestima ou ao amor-próprio para discorrer sobre a sua beleza. Dizeres como: “Penso que ter uma boa autoestima é muito importante para a minha construção pessoal e por isso me acho uma pessoa bonita (...)” (A4) e “Por que se não me achar bonita quem vai achar” (A62) podem se referir a uma autoestima elevada enquanto relatos como: “Por que eu não tenho autoestima, na verdade, nunca tive (...)” (A24) refletem uma autoestima decrescida.

Diferentes percepções de si, com base na autoestima, são retratadas na literatura específica da área. Vários estudiosos, como Santrock (2014) e Assis, Avanci, Silva, Malaquias, Santos e Oliveira (2003), mencionam que ela pode influenciar em vários aspectos da vivência dos adolescentes. Nesse

ponto, o sexo dos adolescentes mostrou-se relevante, visto que 46% das meninas relataram ter vivido experiências de violência/exclusão, ao passo que 36% dos meninos retrataram ter passado por situações semelhantes.

Um estudo apresentado por Santrock (2014) menciona que os adolescentes apresentam autoestima mais baixa quando comparados a pessoas na faixa dos vinte anos. Além disso, outras pesquisas, como a Twenge e Campbell (2001), apontam que há uma redução da autoestima na transição escolar do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

Já sobre o autoconceito, nota-se que perpassa a questão do julgamento de domínios específicos e apresenta um aspecto avaliativo que permite que o sujeito considere as suas ações como adequadas a um determinado contexto social (Guimarães, 2012). Sob essa perspectiva, alguns participantes pontuaram que a vestimenta e o uso de maquiagem são quesitos de ‘ajustamento’ a certos grupos de pares.

Na adolescência, frente às novas formas de socialização e identidade, surgem as demandas relacionadas à preocupação com a aparência física (Ida & Silva, 2007), que deve corresponder aos ideais estereotipados de beleza da sociedade contemporânea. O nível de importância da própria aparência física, segundo os participantes do estudo, é notável, pois cerca de 65% mencionaram que ser ‘muito importante’ (28%) ou ‘importante’ (37%).

Em relação à aparência física de pares, amigos e namorados, apenas 31% mencionaram ser ‘muito importante’ (6%) ou ‘importante’ (25%). Entretanto, alguns participantes comentaram que a beleza é um atrativo para amizades e namoros, sendo alvo de julgamentos dos pares. Além disso, os adolescentes pontuaram que um adolescente pode ser reconhecido (ser popular) e, ainda, desfrutar de certos privilégios em decorrência de sua aparência.

Sobre os ideais de beleza, nota-se que eles são, de certa forma, interiorizados como crenças que influenciarão as emoções e comportamentos dos jovens em vários âmbitos de sua vivência (Guimarães, 2012). Tais padrões podem ser influenciados pelas mídias sociais e podem se manifestar como ansiedade, insegurança e insatisfações com o próprio corpo (Claro, Santos, & Oliveira-Campos, 2014).

Frente aos principais meios que influenciam a definição de beleza para os adolescentes da pesquisa aparecem as redes sociais, com 58%, e a mídia, em geral, com 51% de influência sobre o que os participantes acreditam ser características importantes para dizer se uma pessoa é bela ou não. Para Silva et al. (2018), a mídia apresenta um papel fundamental na propagação de um modelo corpóreo e um padrão de beleza centrado na imagem de corpos esbeltos e magros (*fitness*).

Cabe mencionar que todos os veículos de informação citados pelos adolescentes da pesquisa, exceto a televisão, necessitam de acesso à internet e possibilitam uma interação em tempo real, fator que permite ao indivíduo escolher os conteúdos de seu interesse. Usuários de redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, regularmente compartilham sua rotina por meio de fotos e vídeos que podem impactar o comportamento de outros indivíduos. Um bom exemplo são as postagens de dietas que podem direcionar as escolhas alimentares através da influência social (Silva et al., 2018).

Entre as discussões referentes à aparência física, o culto ao corpo, disseminado pelos meios culturais e midiáticos, torna-se significativo. Na sociedade contemporânea, pode ser considerado um imperativo categórico com a proposição de investimento máximo do corpo (Ida & Silva, 2007), alicerçado à lógica não só do belo, como também da saúde e do bem-estar (Damaico, 2012).

Segundo Filipini, Prado, Felipe e Terra (2013), os adolescentes sentem, de forma direta, o impacto das modificações corpóreas e psíquicas advindas dessa fase da vida, fato que pode desencadear incertezas, estranheza, desconforto e inquietações. Dados coletados em sua pesquisa apontam que as transformações dessa etapa da vida podem ser ansiogênicas, visto que cerca de 30% dos indivíduos que compunham a amostra relataram sentimentos de ansiedade. Ida e Silva (2007) destacam que, com intuito de se adequarem aos critérios padronizados de beleza, os adolescentes, com a prevalência do sexo feminino, apresentam apreensão excessiva com a aparência.

Na presente pesquisa, sintomas relacionados à ansiedade foram retratados pelos participantes. A sensação de agitação apareceu 'sempre' em 24% dos adolescentes, enquanto 24% da amostra sentiu, 'sempre', que a

“cabeça nunca ‘desliga’”. A taquicardia foi experienciada ‘às vezes’ por 28% dos adolescentes, ao passo que 17% e 12,5% sentiram o coração disparar ‘sempre’ e ‘frequentemente’, respectivamente.

No que concerne à depressão, os adolescentes mencionaram que esse é um sentimento significativo e disseram, ainda, que é comum uma oscilação entre a tristeza e a alegria (Filipini, Prado, Felipe, & Terra, 2013). No que tangencia sintomas correlacionados a estados depressivos, os participantes do estudo relataram ‘sempre’ ser muito exigentes consigo mesmos (35%), sentiram indecisão (37,5%) e irritação (38%). Ainda assinalaram que apresentam alterações de humor ‘sempre’ (25,5%) e ‘frequentemente’ (18%).

Martins, Nunes e Noronha (2008), ao comparar os resultados obtidos em sua investigação com dados da literatura, demonstram que, no que tange os adolescentes, há maior insatisfação com o corpo no sexo feminino. Na presente pesquisa, cerca de 30% dos participantes do sexo feminino informaram não se acharem bonitas e 46% mencionaram já ter passado por alguma situação de violência verbal (‘comentários’ e ‘zooções’) ou psicológica (humilhação, discriminação, entre outras).

Além disso, o sexo mostrou-se uma variável significativa em relação a alguns sentimentos e anseios. Dessa forma, ser do sexo feminino predispõe que a pessoa sinta, com maior frequência, tristeza, e apresente mudanças de humor recorrentes. Também há uma tendência de que as adolescentes almejem uma silhueta mais magra, fator que pode estar relacionado a maior insatisfação com a aparência física atual.

Na perspectiva de Ida e Silva (2007), pode haver uma insatisfação generalizada acerca do corpo. Esse fator pode desencadear sentimentos diversos e causar sofrimento para adolescentes de ambos os sexos. Frente aos sentimentos suscitados pela própria aparência física, alguns adolescentes do estudo demonstraram sentir-se ‘para baixo’ (18%), ‘angustiado’ (12%) e ‘envergonhado’ (12%).

A literatura científica indica que entre as repercussões subjetivas desta insatisfação destaca-se a frustração, culpa, vergonha, sentimentos depressivos e ansiosos e a baixa autoestima. Além disso, alguns estudos

apontam que a insatisfação com o próprio corpo é um dos principais fatores de risco no âmbito da elaboração e no estabelecimento de quadros de transtornos alimentares (Silva et al., 2018).

Tais sentimentos ‘negativos’ podem desencadear condutas patológicas (Ida & Silva, 2007). Temas relacionados à automutilação, indução de vômito, restrições alimentares e tentativas de suicídio foram citados por participantes do estudo e podem ser compreendidos como comportamentos de risco. Além disso, sintomas ansiogênicos, depressivos e alimentares podem compor um quadro de comorbidades que possibilita uma ampliação do sofrimento psicológico vivenciado.

Os resultados da BQS-34 apontam que cerca de 19% dos participantes apresentaram distorções (‘leve’ – 9,5%; ‘moderada’ – 7%; ‘grave’ – 2%) no que se refere à percepção do próprio corpo. Sobre os distúrbios de percepção da autoimagem corporal – dismorfofobias – é importante dizer que podem ser decorrentes de uma sub ou superestimação do corpo, como um todo, ou de suas partes. Tal fator pode se correlacionar ao modo de vida (Uchôa, Lustosa, Rocha, Daniele, & Aranha, 2015) e aos ideários de certa sociedade que norteiam a concepção do belo.

A busca pelo corpo ideal, segundo Damaico (2012), é delineada por processos culturais que, transformados em práticas, constituem-se medidas de “cuidado com o corpo” que podem apresentar múltiplas repercussões na saúde mental e física dos indivíduos. Nesse sentido, cerca de 80% dos adolescentes participantes do estudo já mudaram ou mudariam algum elemento corporal para se aproximar do seu protótipo de beleza. Entre os aspectos com maior pretensão de mudança, ou que já foram transformados, estão o cabelo (57%) e o peso (45%).

Entre as atividades que realizariam para alcançar a aparência ideal, destacam-se: o exercício físico (52%), os procedimentos dentários (47%), academia (44,5%), dieta (30%) e cirurgia plástica (10%). Outras opções como tratamento do cabelo (alisamento, plástica e química capilar, selante, entre outros procedimentos), definir o corpo, *crossfit*, *bichectomia* e processos estéticos (*peeling* e harmonização facial) também foram citados pelos participantes.

Assim, vislumbra-se que podem instaurar-se nos adolescentes hábitos que visam adequar o corpo ao padrão ideal de beleza. Restrições alimentares (dietas), exercícios físicos, procedimentos dermatológicos e dentários, e uso de cosméticos parecem fazer parte de uma rotina saudável, contudo podem camuflar a logística consumista e condutas patológicas que tem a finalidade de moldar o corpo ao protótipo perfeito (Ida & Silva, 2007).

Além do mais, medidas mais drásticas, como os procedimentos médicos invasivos – cirurgias plásticas e bariátricas –, uso de medicamentos para emagrecer, indução de vômitos e ingestão de laxantes podem ser compreendidos como práticas extremas (Claro, Santos, & Oliveira-Campos, 2014). No questionário, foram citadas algumas práticas como jejum intermitente, realização excessiva de exercícios físicos, vômitos induzidos, ingestão de medicamentos para emagrecer e até tentativas de suicídio.

Os resultados da Escala de Silhuetas de Stukard demonstraram que 66,4% da amostra gostaria de ter um corpo diferente da silhueta atual. Entre os meninos, as formas 3 e 4 podem corresponder ao protótipo de corpo musculoso e forte, fator que explica a sua grande aparição nos questionários dos participantes do sexo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da experiência direta e da observação e avaliação dos grupos sociais que frequentam, os indivíduos, em especial os adolescentes, delimitam um sistema de representações de vários conceitos que refletem seus sentimentos e comportamentos (Guimarães, 2012). Nesse sentido, o processo de internalização e naturalização dos modos de agir e pensar em uma sociedade podem ser interpretados como uma violência simbólica (Costa & Gervasoni, 2015).

Os ideais culturais de beleza da sociedade ocidental incorporados no *modus operandi* dos sujeitos contemporâneos podem repercutir, de múltiplas maneiras, na forma como os adolescentes se relacionam consigo, com suas emoções e seus pares. Assim, nota-se que podem influenciar na formação da identidade individual e no enfrentamento de questões

cotidianas e corriqueiras, pois o medo dos julgamentos e demais violências (humilhação, ridicularizações, desrespeito, entre outros) pode se tornar um transtorno afetivo ou de ansiedade (Sacramento & Rezende, 2006).

Sob esse panorama, evidencia-se que a internalização de um protótipo ideal de beleza pode gerar repercussões no desenvolvimento biopsicossocial do sujeito. A presente pesquisa pode retratar uma relação, direta ou indireta, da internalização dos padrões de beleza com sintomas ansiosos, depressivos e alimentares e com outros comportamentos, em geral, como a prática de exercícios físicos e a realização de procedimentos estéticos (referentes ao cabelo, dentes, pele e o restante do corpo).

Comportamentos de risco também foram mencionados pelos participantes. A automutilação, indução de vômito e tentativas de suicídio, assim como a prática excessiva de atividades físicas e restrições alimentares podem indicar prejuízos a saúde mental não só relacionada à questão da aparência física, mas também ao contexto interrelacional e vivencial desses indivíduos que parecem estar em grande sofrimento psicológico.

A autoestima e o autoconceito parecem se envolver nessa temática. Ambos fazem parte da constituição da identidade e da imagem corporal (Santrock, 2014). No presente estudo, o amor-próprio aparece como justificativa para a pessoa se achar bonita enquanto o autoconceito aparece mais nas definições relacionadas a características da personalidade.

Cabe destacar, além disso, que a pesquisa evidenciou uma diferença significativa entre as respostas referentes à beleza própria e distorção da imagem corporal entre os gêneros. Como aponta a literatura científica, pessoas do sexo feminino tem uma tendência a apresentar maior apreensão em relação à aparência física (Ida & Silva, 2007), ter uma autoestima decrescida (Santrock, 2014) e sentir maior insatisfação em relação ao corpo (Martins, Nunes, & Noronha, 2008).

No que se refere à idade, não houve diferença significativa no que se refere às variáveis analisadas. Tal dado também corrobora pesquisas anteriores. Assis et al. (2003), por exemplo, retratam não ter encontrado diferenças estatisticamente significativas nas palavras ditas por adolescentes

acerca do autoconceito e autoestima. Outros estudos mencionam haver uma diferença na autoestima quando comparados adolescentes (faixa dos 14 aos 19 anos) e jovens adultos (acima dos 20 anos) (Santrock, 2014).

A faixa socioeconômica também não se mostrou um fator significativo na presente pesquisa. Contudo, no que tangencia a autoestima e autoconceito, Assis et al. (2003) citam que adolescentes economicamente mais favorecidos apresentam maior satisfação com o próprio corpo e tranquilidade aumentada quando comparados a jovens empobrecidos economicamente, mesmo que a diferença seja tênue.

Este estudo pôde compreender que os adolescentes significam e se apropriam dos valores culturais, como é caso dos padrões estereotipados de beleza, e que esses podem repercutir em suas vivências subjetivas (significações, representações, comportamentos e sentimentos) acerca do próprio corpo. Contudo, certos contextos não foram aprofundados devido à metodologia adotada (instrumentos utilizados), fator que limitou a abrangência das discussões traçadas. Sob essa perspectiva, mostra-se necessário que novas pesquisas sejam realizadas a fim de que se esclareça e se especifiquem os sofrimentos e dificuldades dos adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- Assis, G. S., Avanci, J. Q., Silva, C. M. F. P., Malaquias, J. V., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2003). A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(3), 669-680.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Claro, R. M., Santos, M. A. S., & Oliveira-Campos, M. (2014). Imagem corporal e atitudes extremas em relação ao peso em escolares brasileiros (PeNSE 2012). *Revista Brasileira Epidemiológica*, 146-157.
- Conti, M. A., Slater, B., & Latorre, M. R. D. O. (2009). Validação e reprodutibilidade da *Escala de Evaluación de Insatisfacción Corporal* para Adolescentes. *Saúde Pública*, 43(3), 515-524.



- Cooper, P. J., Taylor, M. J., Cooper, Z., & Fairburn, C. G. (1987). The development and validation of the body shape questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*, 6(4), 485-494.
- Costa, M. M. M., & Gervasoni, T. A. (2015). Efeitos da violência simbólica no culto ao corpo perfeito enquanto violência estética: análise de alguns casos. In *XII Seminários Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. Recuperado de <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/13160/2351>
- Damaico, J. G. S. (2012). Como olhar e pensar o corpo jovem. *Cadernos CEDES*, 32(87), 153-163.
- Del Ciampo, L. A., & Del Ciampo, I. R. L. (2010). Adolescência e imagem corporal. *Adolescência & Saúde (Rio de Janeiro)*, 7(4), 55-59.
- Di Pietro, M. C., & Silveira, D. X. (2008). Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala Body Shape Questionnaire em uma população de estudantes universitários brasileiros. *Revista Brasileira de Psiquiatria (São Paulo)*, 31(1), 21-24.
- Filipini, C. B., Prado, B. O., Felipe, A. O. B., & Terra, F. S. (2013). Transformações físicas e psíquicas: m olhar do adolescente. *Adolescência & Saúde*, 10(1), 22-29.
- Guimarães, J. V. C. (2012). *Autoconceito, autoestima e comportamentos desviantes em adolescentes* (dissertação de mestrado, Instituto Universitário – ISPA). Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2567/1/8511.pdf>
- Ida, S. W., & Silva, R. N. (2007). Transtornos alimentares: uma perspectiva social. *Revista Mal-Estar Subjetivo*, 7(2), 417-432.
- Jager, M. E., Comis, D. T., Mucenecki, T. F., Goetz, E. R., Ferraz, R. C., Folleto, J. S., & Vasconcellos, S. J. L. (2017). O corpo como meio de aceitação e inserção social: contribuições a partir de Jeffrey Young. *Boletim de psicologia*, 67(146), 37-50.
- Kakeshita, I. S., & Almeida, S. S. (2006). *Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários* (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto). Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n3/19.pdf>

- Martins, D. F., Nunes, M. F., & Noronha, A. P. P. (2008). Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 94-105.
- Sacramento, L. T., & Rezende, M. M. (2006). Violência: lembrando alguns conceitos. *Aletheia*, 24, 95-104.
- Santrock, J. W. (2014). *Adolescência* (14<sup>a</sup> ed.). Porto Alegre, RS: AMGH.
- Schneider, D. R. (2006). Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. *Natureza humana*, 8(2), 283-314.
- Secchi, K., Camargo, B. V., & Bertoldo, R. B. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229-236.
- Silva, A. F. S., Neves, L. S., Japur, C. C., Penaforte, T. R., Penaforte, F. R. O. (2018). Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais: repercussões na percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. *Demetra*, 13(2), 395-411.
- Silva, M. L. A., Taquette, S. R., Coutinho, E. S. F. (2014). Sentidos da imagem corporal de adolescentes no ensino fundamental. *Revista Saúde Pública*, 48(3), 438-444.
- Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2001). Age and Birth Cohort Differences in Self-Esteem: A Cross-Temporal Meta-Analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 5(4), 321-344.
- Uchôa, F. N. M., Lustosa, R. P., Rocha, M. T. L., Daniele, T. M. C., & Aranha, A. C. M. (2015). Causas e implicações da imagem corporal em adolescentes: um estudo de revisão. *Revista do Departamento de Educação Física e Saúde (Santa Cruz)*, 16(4), 292-298.

Recebido em 01/04/2020

Aceito em 30/04/2021